

ARRUMANDO A ENXADA PARA FUGIR DA DEPENDÊNCIA

Pequeno ensaio sobre a luta dos cirandeiros de Tarituba.

Antonio Eugenio do Nascimento¹

*Os ninguém:
Os filhos de ninguém, os donos do nada.
Os ninguém:
Os ninguém, os Zé-ninguém
Matando cachorro a grito, morrendo a vida, ferrados e referrados:
Que não são, embora sejam,
Que não falam idiomas, mas dialetos
Que não têm religião, mas superstições
Que não fazem arte, mas artesanato
Que não praticam cultura, mas folclore.
Que não seres humanos, mas recursos humanos
Que não têm rosto, mas braços...*

Eduardo Galeano

Quando, por volta de 1846, o inglês William John Thoms cunhou os termos *folk e lore*, o primeiro relativo a povo e o segundo a sabedoria, procurando em uma só palavra representação para o que, há muito, os escribas da idade média chamavam de “antiguidades populares”, talvez não tivesse a plena consciência do que viria acontecer, nos 150 anos seguintes, com as populações não pertencentes às classes dominantes (e suas respectivas formas de produção cultural) especialmente nos países que passaram por processos de colonização de matriz européia.

A nossa preocupação com a utilização do termo (folclore), não está na discussão conceitual que vem sendo feita, mas na forma de exploração promovida pelas classes dominantes sobre os setores subalternos. A estratégia do mais forte é a utilização de um expediente vil: justifica o baixo preço do produto cultural dos setores empobrecidos pela falta de um nível de qualidade capaz de satisfazer às exigências do mercado globalizado. Queremos com isso dizer que a simples catalogação acadêmica elaborada pelos segmentos hegemônicos, ao invés de produzir benefícios, fez com que o povo trabalhador começasse a se envergonhar dos artefatos que ele mesmo produzia e cada vez mais se desencorajasse a cobrar, o que é justo, pela tarefa empreendida. No caso específico do Brasil, a produção mais volumosa e significativa tem origem nos bolsões de pobreza das regiões sudeste, nordeste e norte, incluindo-se para efeito deste artigo, parte da produção indígena e dos artefatos elaborados pelos setores afro-descendentes que vivem nos quilombos hodiernos, ainda em regime de semi-escravidão.

Intui-se que, além das inúmeras formas de preconceito, a negação da qualidade dessa produção seja fruto de uma bem orquestrada subestimação promovida pelos catadores

¹ Educador, mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense e autor, dentre outros, do livro *A escola do Aluno Caminhador*. Em 2002, com Simone Bulhões, organizou a primeira caixa de produtos dos cirandeiros que tem como principal objeto o livro *Vamos Indo na Ciranda* e atualmente elabora com os quilombolas de Santa Rita do Bracuí o livro *Pelos Caminhos do Jongô*, sobre pesquisa acadêmica de Délcio Bernardo.

de “antiguidades populares” visando o barateamento dos objetos que precisam reunir para exposição, venda ou uso próprio, quase sempre, os resultados da sofrida produção dos moradores do Vale do Jequitinhonha, de todos os sertões e enseadas, do agreste nordestino e das regiões ribeirinhas da Amazônia, esta última a principal fonte de enriquecimento da indústria cosmética internacional: lobos com peles de cordeiros, permanentemente interessados em trar proveito de um tipo de produção desvalorizada pelos setores economicistas, incluindo-se, nessa ação infame, os órgãos públicos, as multinacionais extrativistas e o mercado de atravessadores que faz chegar às mais importantes lojas de estética, vestuário e decoração das grandes cidades, a aviltada produção dos *ninguém* da terra Brasil.

O trabalho que ora realizamos junto às comunidades caiçaras que habitam o litoral sul-fluminense, tem por objetivo a quebra de uma perversa visão antropológica que insiste na tese de que a *rusticidade* é inerente à produção das classes subalternas e que, em nome da pureza imaculada dessa produção, todas as contribuições da contemporaneidade devem ser rechaçadas. Esta lógica é muito interessante, mas cessa (ou deveria) no exato momento em que o sujeito carece do resultado de seus produtos para a sobrevivência da prole. Tomando-se como exemplo o caso dos produtores de cerâmica, artefato largamente produzido pelos setores esquecidos pelas esferas públicas, é preciso que tenhamos a consciência de que a melhoria dos níveis de informação sobre determinados processos de queima, não fere a natureza telúrica de seus produtores. Temos clareza, inclusive, de que preocupações desta monta pouco ajudam quando o objeto produzido tem finalidade decorativa, mas é de grande valia para a melhoria da qualidade dos utilitários que, como as painéis, precisam de maior resistência e durabilidade.

A história das painéis nos empurra para uma tomada de posição frente às demais formas de produção. No caso específico das culturas caiçaras, lidamos cotidianamente com o que de mais singelo ficou da imbricação dos costumes das etnias que ajudaram, nem sempre de forma amistosa, a moldar a aura lúdica do povo brasileiro. Além dos aspectos multiculturais, fruto das trocas dos saberes, a natureza não poupou esforços no sentido de atenuar o sofrimento dos que, ainda hoje, vivem a driblar as adversidades. Recebemos como presente, o mais belo dos ecossistemas existentes em nosso País. Isto nos anima, mas é preciso que estejamos atentos: tem sempre alguém dirigindo olhares de cobiça para nosso pedaço de chão.

Trata-se de algo comum às populações litorâneas brasileiras que não dispõem de recursos para o enfrentamento direto. Resta-nos o cuidado para manter acesa a chama que garante a posse dos pequenos pedaços de terra e, com todas as dificuldades de ordem econômica e social, organizar a festa para animar os entristecidos pelos resultados adversos das lutas empreendidas ao longo de nossa história. E mais: além de endurecer a painél é preciso aperfeiçoar o desenho dos tamancos, o caimento das saias e à medida que a população cresce, melhorar a qualidade da sonoridade de tambores e violas.

Além dessas preocupações, é preciso atentar para a subsistência do corpo e da alma lúdica dos grupamentos que habitam o litoral de Angra dos Reis e Paraty. Inspiramos nesta empreitada todos os brasileiros que sonharam com uma vida mais digna para suas coletividades e os velhos professores da Bauhaus, escola fundada em

Weimar, na Alemanha de Brecht, cuja principal meta era a melhoria do produto das comunidades, objetivando a valorização do objeto nos momentos de venda ou de troca.

Por ora, estamos voltados para o embelezamento do material de divulgação dos produtos das populações caiçaras. Na parte que cabe ao povo da ciranda, acabamos de concluir uma peça multimídia (livro, CD e um curta documental) que narra a trajetória sócio-cultural de cirandeiros e cirandeiros, seus hábitos e costumes. Outros passos estão sendo dados ao encontro dos caiçaras negros de nossa região (quilombolas) empenhados na luta pela conquista dos títulos de posse da terra: ora em estágios mais avançados e de alguma forma pensando na construção de ações solidárias que elevem os patamares de sua produção; ora prenhes de desânimo fruto da percepção de que se esvai o patrimônio imaterial construído pela ancestralidade.

Além das questões de natureza produtiva, volta e meia temos de lidar com os enfrentamentos políticos. Neste momento, a Ciranda de Tarituba está, literalmente, ensaiando na chuva: uma antiga luta judicial acabou por expulsá-la da sede construída na década de 1980. Mais uma vez, como chamamento de atenção para as dificuldades que enfrentamos, precisamos por as mãos em instrumentos midiáticos com os quais a maioria da população de Tarituba não está acostumada a lidar. Brecht nos aconselha que, *é preciso aprender sempre*. Vence aquele que tem maior poder de comunicação e convencimento.

*O mesmo pé que dança um samba,
se for preciso vai à luta...*

O belo poema de Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, feito nos anos de chumbo, ainda nos impele à militância. Há 150 anos, a pequena fazenda Tarituba (antigo primeiro distrito de Paraty) sequer imaginava que, um dia, em nome do progresso, seria cortada por uma estrada de asfalto e que, em terras próximas, surgiria uma amedrontadora usina nuclear. A eletricidade somente chegou à pequena enseada, na segunda metade do século XX, mais precisamente ao seu final. Nesta atmosfera bucólica, o romantismo que advinha da ciranda não precisava de nada além de um terreiro iluminado pela luz da fogueira, de uma violinha tosca, de um pandeiro artesanal e de um caixote chamado mancado. Mas a ciranda dos novos tempos, também teve de acompanhar as mudanças: ganhou viola eletrificada, novos pandeiros, cavaquinho e violão, todos com a qualidade sonora exigida pelo ouvido, eletronicamente educado, dessa nova sociedade.

As roupas, embora sigam a forma original, parecem mais bonitas com o brilho das chitas sintéticas. Quando o dinheiro sobrou, foram confeccionados trajes para verão e inverno. Belos chapéus de palha protegem as cabeças dos homens e singelos arcos adornam os penteados do corpo feminino. O repertório, que cabia em um pequeno vinil, está agora em um CD que é vendido juntamente com o livro destinado a livrar o grupo das tentações de favorecimento por parte dos políticos que perderam, de vez, os princípios da ética nos espaços de uma democracia ainda em gestação.

Utilizamos a cerâmica e a ciranda, como exemplos apenas para dizer que nada é tão bom que não possa ser melhorado. A banana que apodrece pelas encostas da mata atlântica pode virar bananada, pode ganhar uma história e com isso mais valor, mas é

preciso de um rótulo bonito e de uma atraente embalagem. Um cesto bem acabado pode ser vendido por melhor preço, mas para isso é preciso construir novas ferramentas. Isto sim faz parte de nossa vocação. Somos o único ser animado que pensa cotidianamente na melhoria da casa.

Concluimos este artigo, desejosos de que não fique, para quem o leu, a principalidade simplória do *ensino da pesca*, mas é possível que a experiência dos Cirandeiros e Cirandairas de Tarituba, sirva como estímulo para aqueles que às vezes fraquejam, por não compreenderem o distanciamento do Estado daqueles que promovem a alegria e zelam pela água das cacimbas onde bebem as classes culturalmente mais favorecidas da sociedade brasileira. Ainda é tempo, basta arrumar a enxada.